

Assassinato na foz do Amazonas

Neozelandês Peter Blake, o mais premiado velejador do mundo, é assassinado por ladrões de barcos em Macapá

Fotos do site www.blakexpedition.com

No dia 4, o velejador neozelandês Peter Blake, 53 anos, descreveu a noite no Rio Amazonas, como "oleosa e sombria" no diário de bordo. Nos dois meses em que liderou a tripulação do *Seamaster* pelo principal leito fluvial brasileiro e pelo Rio Negro, seu maior medo à noite era atropelar um peixe sem luzes ou toras de madeira. Havia mais o que temer. Vinte e quatro horas depois de registrar as anotações, Blake — uma espécie de Ayrton Senna dos veleiros — foi assassinado. O barco, ancorado da Praia da Fazendinha, a 10 quilômetros de Macapá, no Amapá, foi invadido por ladrões.

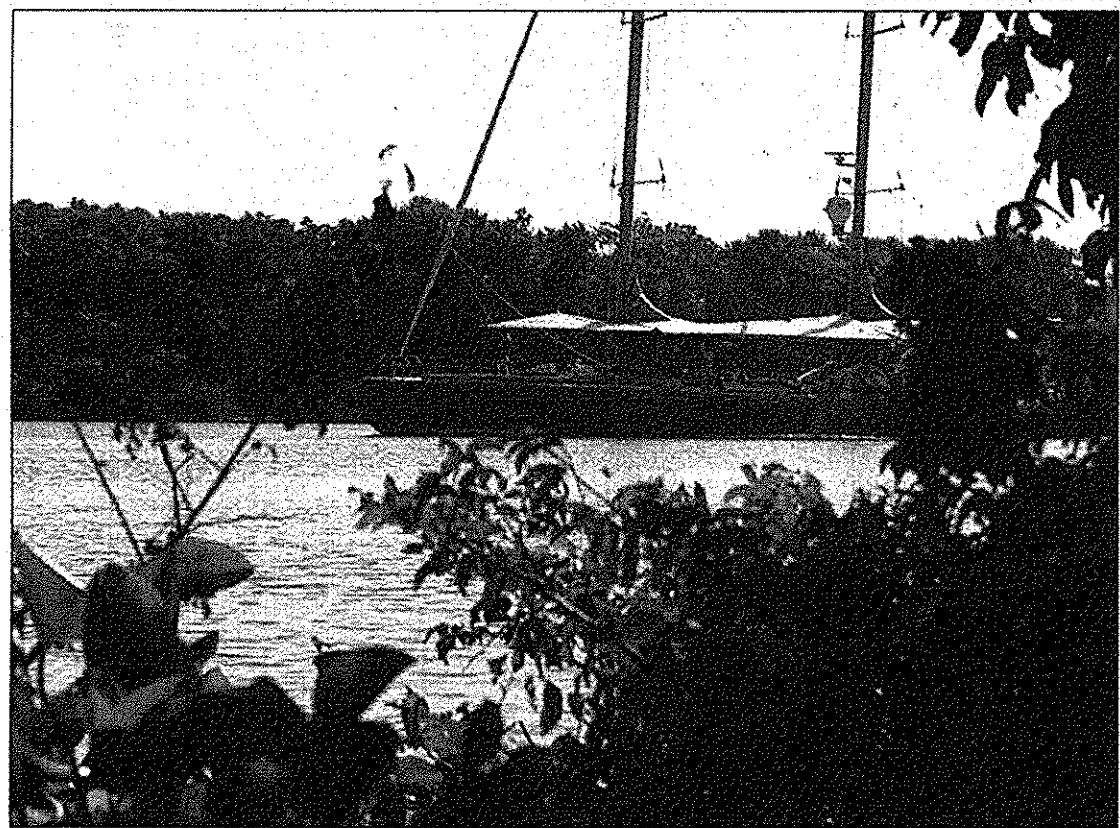
No Brasil, eles são conhecidos como *ratos d'água*. Nas agências internacionais e nos sites, os assassinos ganharam o nome de *piratas*. Às 22h15 de anteontem, sete ou oito de-

les invadiram a embarcação. A tripulação fazia um churrasco. Blake teria tentado reagir e foi morto na hora. Dois outros tripulantes, cujos nomes não foram revelados, saíram feridos sem gravidade. Atendidos num hospital de Macapá, retornaram ao *Seamaster*. O nome é novo, mas a embarcação tem história. Com 36 metros de comprimento, ganhou fama como *Antartic Explorer*, do francês Jacques Cousteau.

Sem pistas — A polícia não tem pistas dos ladrões. Com a ação, lucraram quatro relógios Omega — patrocinadora da Blakexpedition — duas câmeras Canon, um bote inflável e um motor de 15 cavalos. "O governo não sabia da presença deles", alegou o secretário de Comunicação do Amapá, Marcelo Roza. "Fomos surpreendidos com essa tragédia." Surpresa para o governo, mas

não para a Polícia Federal. A expedição tinha permissão para trafegar pela Região Amazônica e aguardava autorização para deixar o Brasil rumo à Venezuela.

Importância — Enviado especial do Programa de Meio Ambiente das Nações Unidas e cavaleiro do Império Britânico, Blake ostentava o título de *sir*. Com fama internacional, era um ídolo no país natal. No mês passado, quando esteve em visita oficial ao Brasil, a primeira-ministra neozelandesa, Helen Clark, fez questão de visitar a Blakexpedition na Amazônia. De boné e camiseta, a política mais importante da Nova Zelândia posou na popa do barco, ao lado de Blake e da mulher Pippa. Ontem, tão logo soube do crime, a embaixadora Denise Almao seguiu para Macapá, para dar assistência à família e à tripulação.



Por dois meses, o 'Seamaster' fez pesquisas ambientais ao longo dos rios Amazonas e Negro



Blake em dois momentos da expedição amazônica. À esquerda, com a primeira-ministra da Nova Zelândia, Helen Clark (E), e Pippa, sua mulher. À direita, com crianças da população ribeirinha

Diário de bordo

04/12/01

Descendo o Amazonas à noite

O crepúsculo deixa a superfície do rio oleosa e sombria, com o céu escurecendo rapidamente depois que o laranja e dourado do sol desapareceram. A gente sempre torce por uma noite clara, e hoje a lua vai aparecer por volta das 21h, o que significa duas horas e meia de total escuridão até lá. (...)

Um membro da tripulação fica na proa do *Seamaster*, em vigília — principalmente por causa das toras de madeira que flutuam e dos barcos de pesca sem luzes. Ele tem uma grande lanterna, com a qual faz a checagem em intervalos regulares. (...)

Peter Blake

Autêntico rei da vela

Cercada de águas, a Nova Zelândia reverencia Peter Blake como Pelé é venerado em terra firme. Blake despontou num esporte tão popular na Nova Zelândia, quanto o futebol no Brasil. Aos 53 anos, o iatista colecionou recordes na carreira. Defensor da ecologia, decidiu percorrer os mares defendendo a causa ambientalista.

Blake conquistou o bicampeonato da America's Cup, a principal regata de veleiros do mundo. A bordo do *Team New Zealand*, venceu em 1995 e em 2000. Na última edição, sua equipe derrotou a italiana Prada, que contava com o brasileiro Torben Grael. O neozelandês ainda somou troféus da Fastnet (1979/89), da Regata Sydney-Hobart (80/84), da Volta da Austrália (88) e da Whitbread (90). Há sete anos, deu a volta ao planeta em 74 dias, 22 horas, 17 minutos e

22 segundos, marca até hoje insuperável.

Criou a própria fundação, com apoio da Organização das Nações Unidas (ONU). A bordo do *Seamaster*, iniciou no Brasil, em 2 de outubro, o projeto ambiental e científico que duraria cinco anos.

"O mundo da vela tem uma admiração por Blake como o mundo do futebol tem pelo Pelé", afirma Lars Grael, secretário nacional de Esportes. "Ele é um herói na Nova Zelândia, com todo o merecimento. Conquistou inúmeros títulos." Robert Scheidt, eleito o melhor velejador do ano, lamentou, em nota oficial, que a morte tenha ocorrido no Brasil. "Peter era um verdadeiro mito em seu país e uma das figuras mais respeitadas da vela. É uma pena que uma tragédia dessas prejudique a imagem do Brasil no exterior", escreveu Scheidt.